REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 62
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

REVISTA 62
LINGUAGEM, PERCEPÇÕES E HISTÓRIAS: CONHECIMENTOS QUE NOS ATRAVESSAM



SARUBBI: FACES E FASES DE UM ARTISTA AMAZÔNIDA

SARUBBI: FACES AND STAGES OF AN AMAZONIAN ARTIST

Francisco Smith
Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém/Pará, Brasil

Mariana Tereza Athayde Bordallo da Silva
Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém/ Pará, Brasil

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar a biografia do artista plástico bragantino Valdir Sarubbi e as fases artisticas de um amazônida, a partir das memórias afetivas e culturais. Para isso, explorar-se-á os dados de suas produções, lembranças do artista no período em que ele ainda vivia em Bragança e em Belém. Para isso, foram utilizados os depoimentos do próprio artista que aparecem no livro de Bitar (2002); e, a carta escrita pelo artista a seus primos após a morte de sua tia Sabazinha.

Palavras-chave: Memória. Amazônia. Arte.

Abstract: The objective of this article is to present the biography of the plastic artist Valdir Sarubbi from Bragança and the artistic phases of an Amazonian from his affective and cultural memories. For this, the data of his productions will be explored, as well as the artist's memories from the period when he was still living in Bragança and Belém. For this, we used the statements of the artist himself that appear in the book by Bitar (2002); and the letter written by the artist to his cousins after the death of his aunt Sabazinha.

Keywords: Memory. Amazon. Art.

1. Faces de Sarubbi: entre o homem, a arte e a crítica

Valdir Evandro Sarubbi de Medeiros, desenhista, ator, roteirista e diretor de teatro, pintor, gravador, artista plástico e arte-educador, além de advogado, foi um artista de projeção nacional e internacional nas artes visuais do Brasil.

Bitar (2002, p. 15) o identifica como uma pessoa “doce, simples e cativante, de fala mansa e tranquila, intuitivamente didático e que sabia ouvir como poucos; que a imagem do artista incansável, pesquisador incessante era quase incompatível com uma saúde frágil que não se deixava vencer”; e ela ainda acrescenta, “como um homem extremamente erudito”.

Francisco Smith, Mariana Tereza Athayde Bordallo da Silva - SARUBBI: FACES E FASES DE UM ARTISTA AMAZÔNIDA. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.62, nº62, p. 1-27, e1524, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



No prefácio do livro de Bitar, o filósofo Benedito Nunes[1] corrobora com essa visão: “Sarubbi é íntegro porque acrescenta à atividade artística a que se entregou às dimensões do escritor, do leitor, do ouvinte de música e do pensador que dele são inseparáveis” (BITAR, 2002, p. 9). Aqueles que acompanharam de perto sua trajetória na arte podem testemunhar que ele nunca se interessou pelos “modismos” ou “pelas solicitações da mídia ou mercado”, ele foi “fiel a seus princípios” e aos valores que julgava corretos (BITAR, 2002, p. 73).[2]

Sarubbi[3] buscava conhecer-se e transformou a arte em um instrumento de autoconhecimento, uma maneira de conviver com suas memórias pessoais e suas saudades: “Tudo o que fiz, nesses quase trinta anos de carreira, veio de minha memória sensível” (BITAR, 2002, p. 73).

O artista levou sua vida para a arte, além de memórias pessoais e culturais, incluiu valores transparentes em sua postura. No *site* Art-Bonobo[4], onde está hospedada sua página oficial, há um texto do crítico Olívio Tavares de Araújo[5], que bem o define.

> Valdir é um ser humano pacato, cuja simplicidade no convívio esconde uma rica vida intelectual diversificada e abrangente, com interesses que vão de Thomas Mann e Yukio Mishima à música de Mozart, que ele conhece como poucos. (ART- BONOBO, 2014).

Ele não foi apenas talentoso e apaixonado por sua cidade natal, foi, principalmente, um grande ser humano, amado e respeitado por seus alunos. No *site da Galeria Pontes,* Renato Rezende[6], ex-aluno do Atelier Livre, fala sobre o professor e amigo:

> Acima de tudo, Sarubbi possuía uma profunda capacidade de amar: amava generosamente, com profundo respeito pela individualidade de cada aluno ou amigo,permitindo o florescimento de cada relacionamento com a mesma sensibilidade e esmero que percebemos em suas obras plásticas. (GALERIA PONTES, 2014).

Sarrubbi manifestou o interesse pelas artes de um modo geral muito cedo. Desde criança, gostava de ler, diferente dos primos e irmãos que só queriam jogar



bola na rua como todos os outros meninos da sua idade. Valdir gostava de ouvir as conversas da tia Sabazinha sobre a família, os avós e a casa. Ele gostava de literatura e de disputar com a prima e escritora, Maria Lúcia Medeiros, quem lia "mais e maiores livros" que ele se deliciava se embalando na rede no horário da sesta.

[1] Benedito José Viana da Costa Nunes (Belém/PA 1929 - idem 2011). Filósofo, professor e ensaísta. Formou-se em filosofia e especializou-se em Sorbonne, em Paris e no Collège de France. Em 1998, professor emérito da UFPA (ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).
[2] Julgava serem valores familiares.
[3] Se sentia um nostálgico, um suadosista de suas memórias afetivas.
[4] http://www.art-bonobo.com
[5] Olívio Tavares de Araújo: crítico e ensaísta de vários jornais e revistas, curador de mostras de arte e autor delivros de arte e música (COSACNAIFY, 2014).
[6] Escritor, poeta, tradutor, artista visual (BLOG DA SUBVERSOS, 2014).

A artista plástica e crítica professora Ernestina Karman[7] considerava Sarubbi um desenhista paciente, meticuloso na limpeza do trabalho, pesquisador constante "[...] "sem dúvida alguma Valdir sarubbi integrou-se já entre os melhores desenhistas nacionais" (BITAR, 2002, p. 36) e, em 1973, lhe conferiu o título de "o desenhista mais brasileiro".

Ainda em Bragança, além das leituras e do desenho, ele organizava pequenas encenações com os irmãos, primos e amigos. Já em Belém do Pará, no final da década de 1950, foi convidado por um professor do Colégio do Carmo[8], entrou para o grupo teatral Norte Teatro Escola criado por Maria Sylvia e Benedito Nunes, onde participou de várias peças.

Gileno Chaves[9], *marchand* e amigo de Sarubbi, diz que "a cidade de Bragança é a única para abrir as portas da alma, onde estão guardadas as ações e intenções de V. E. Sarubbi" (CHAVES, 2003). É como se apenas em Bragança pudéssemos encontrar o código para compreender as ações e intenções do artista. *Esse orgulho de ser bragantino em Belém e sempre paraense em São Paulo* (CHAVES, 2003), era a postura de Sarubbi, mesmo diante de qualquer circunstância, seja em Belém, em São Paulo ou no mundo.

Sarubbi chegou trazendo os "Xumucuís, que, mais do que lúdicos, mais do



que inovadores, tinham no som e nas cores a cara de Bragança". Nas regiões Sul e Sudeste do Brasil os paus de chuva ainda não eram conhecidos do público em geral. Era um objeto regional que fazia parte da cultura indígena, muito utilizado como brinquedo nas festas tradicionais no Norte e no Nordeste do Brasil. E foi esse brinquedo regional que Sarubbi apresentou na XI Bienal Internacional de São Paulo de uma forma "não banal", mas, original "e começava a (con)vencer o mundo! Atrás da beleza, a liberdade de mostrar o que era só seu e que agora é só nosso" (CHAVES, 2003). Nesse caminho, as florestas, os rios, as flechas, as canoas, os remos e outros objetos foram ampliando a visão da Amazônia, de Bragança e de suas origens.

[7] Ernestina Sanná Karman (1915: Santos/SP - 2004: São Paulo/SP): pintora, desenhista, gravadora, ceramista,escultora, jornalista, crítica de arte e professora (DICIONÁRIO DE ARTISTAS DO BRASIL, 2014).
[8] Foi inaugurado por padres carmelitas no centro da cidade de Belém do Pará em 1917.
[9] Advogado e gestor público, falecido em 2006. Fundador da Galeria Elf, galeriaprofissional privada de Belém e amigo de Sarubbi

Sarubbi era meticuloso. Estava sempre empenhado em buscar novos suportes e técnicas para desenvolver seus trabalhos. Associava várias delas, muitas vezes, na mesma obra. Bitar, referindo-se à fase Geofagia em que [10]

> a colagem e o desenho eram associados à aerofotogrametria, ao nankim, àcolagem, ao lápis de cor, ao óleo, à acrílica, à aquarela, ao grafite, ou até mesmoà gravura em metal. Todas juntas ou isoladas, mantendo um certo princípio de "divina proporção"(BITAR, 2002, p. 52).

Daniel Gisé[11], ex-aluno do Atelier Livre, comenta em seu *blog* que, em suas investigações por diferentes suportes e técnicas, Sarubbi chegou a se engajar em movimentos experimentais nos anos 1960 e 1970, mas, a seguir, percorreu um caminho próprio passando pelo figurativo, fortemente ligado a temas da natureza e do cotidiano da sua região de origem, até chegar ao refinado abstracionismo[12]de seus últimos trabalhos na década de 1990. Tal fato mostra a ligação do artista com o fazer artístico que seguia na contramão do movimento contemporâneo onde a



matéria é efêmera e a ideia é o que prevalece[13].

Nas palavras de Renato Rezende, Sarubbi não foi um artista que seguisse a corrente principal da arte, ditada pela mídia e pelo comércio. Sua obra, uma linguagem plástica de elevados níveis de complexidade e sofisticação e com uma sensibilidade refinada e intuitiva, é a concretização do pensamento. Pode ser percebida certa obsessividade em séries como Meditação labiríntica e *Antiguos dueños de las flechas*, como quem busca identificar e elaborar sentimentos escondidos na memória. O rio aparece nesses trabalhos como uma de suas mais fortes metáforas, pensamentos obsessivos tentando elaborar memórias e afetos.

[10] Quarta das sete fases da obra de Sarubbi mencionada por Rosana Bitar no livro *Sarubbi* (2002, p. 51) em que oartista inicia com a abstração. Ele usa cores terrosas e diversidade de técnicas.
[11] Ex-aluno de Saubbi (1996-2000), formado em Artes Plásticas (UNESP), quadrinhista, ilustrador eweb designer (DANIEL GISÉ, 2010).
[12] Formas de arte não regidas pela figuração ou imitação do mundo. Utiliza a decomposição da figura, a simplificação da forma, os novos usos da cor, etc. A partir de 1930, um dos eixos centras da produção artística no século XX (ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).
[13] Idem

Olívio Tavares afirma que Sarubbi não era um artista que estivesse limitado por um determinado plano de trabalho, um propósito teórico ou uma tese que devesse ser defendida, mas, que “um grande ethos único preside o fluxo de toda a sua criação, e o podemos situar na circunstância geográfica do autor” (ART-BONOBO, 2013).

Foi em São Paulo, também, que ele se descobriu educador: “Quando me perguntam que tipo de artista sou eu, digo sempre que sou mais um intelectual que pinta e sou educador” (BITAR, 2002, p. 29). Inicialmente ele dava aulas para os níveis nas escolas municipais e estaduais e, também, ministrou curso de formação de professores de artes, “discutindo e analisando o guia curricular dessa área de conhecimento” (BITAR, 2002, p. 23) para a Secretaria de Educação do Estado. Ele queria possibilitar a seus alunos a mesma experiência que a arte o permitia viver – o crescimento pessoal, o autoconhecimento por meio da sensibilidade e da memória expressa em seus trabalhos.



> Em meu trabalho com os alunos, vejo arte como um fim e também como um meio. Parto da premissa que trabalhar com arte não quer dizer necessariamente transformar pessoas em artistas. Manipular linguagens artísticas é, antes de mais nada, permitir um encontro consigo mesmo, dar significado à própria existência. Fazer arte foi uma das maneiras que encontrei pra viver isso. Tento passar minha experiência para os alunos .(SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 24).

Sarubbi montou um Atelier Livre, onde trabalhava com jovens e adultos em pintura, desenho e gravura. O espaço foi mantido até 1986, quando o artista passou a ser residente na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Lá "ele desenvolveu projetos na área de Educação por meio da Arte no Instituto de Arte e Faculdade de Educação" (BITAR, 2002, p. 23). Seis anos depois, reabriu o atelier para voltar novamente ao trabalho com alunos:

> O Atelier Livre que retomei em 1992 é a minha razão maior. Porque cada vez mais acredito que a arte, antes de mais nada, serve para ajudar as pessoas a se encontrarem, se equilibrarem e se conhecerem melhor. Através da arte, os alunos podem expressar suas emoções e estabelecer relações afetivas que enriqueçam suas personalidades. Acredito que um artista sensível deveria estar mais preocupado em ser um humanista do que em ser um exibicionista. Nunca me considerei apenas um artista. Acho que é muito pouco (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 28).

A visão amorosa que norteava suas relações, sempre buscando o que havia de melhor em cada um, levou a psicoterapeuta Monika Von Koss, ex-aluna do Atelier Livre, a citá-lo em um *post*em que ela faz uma reflexão sobre a evolução da consciência. Monika o cita como modelo de uma "consciência holográfica" (BLOG MONIKA VON KOSS, 2014).

Sarubbi foi um ser humano emblemático dessa mudança de paradigma e a atividadeem que ele demonstrou essa visão mais ampla foi, sem dúvida, como arte-educador.

> Quando alguém ficava desgostoso com o resultado de suas pinceladas, nada mais do que um grande amontoado de borrões, ele chamava a atenção para um encontro de duas manchas e dizia: "Olha esta luz como está bonita!".(BLOG MONIKA VON KOSS, 2014).

Sarubbi não foi apenas um artista, foi um arte-educador que tinha por objetivo

auxiliar jovens e adultos a buscar o autoconhecimento, muito mais que transformá-los em artistas. Essapercepção mais sensível do ser humano, consequência de uma mente holotrópica, o permitia perceber nos borrões que os alunos apresentavam, “a luz” que havia neles e assim, o artista conseguia extrair das pessoas o que elas tinham de bom, mesmo se num primeiro momento isso não fosse evidente.

2. Fases da obra de Sarubbi: a Amazônia manifesta

Valdir Sarubbi iniciou sua carreira como artista plástico em 1970, participando do Concurso de Cartazes da Exposição de Arte Sacra, em Belém, quando foi selecionado em primeiro lugar. Na Exposição do Banco Lar Brasileiro foi agraciado com a menção honrosa e no Salão de Artes Plásticas do Estado do Pará, recebeu o prêmio Governador do Estado. No mesmo ano, expôs seus trabalhos em Curitiba/PR e participou da pré-seleção para a Bienal de São Paulo (BITAR, 2002, p. 06).

A obra que o classificou como um dos representantes do Brasil na XI Bienal Internacional de São Paulo (1971) foi a instalação Xumucuís[14] (Figura 1).

A instalação é composta por trinta e seis bastões de pau-de-chuva feitos de miriti e espinhos de tucum[15]. São brinquedos populares nas festas tradicionais do Pará “[...] montados em forma de totens sobre uma leve armação, que podiam ser deslocados de suas bases para serem manuseados pelo público” (BITAR, 2002, p. 28). As sementes passam pelos labirintos de espinho e emitem sons de água escorrendo. Por fora, os bastões são decorados com papel de seda coloridos e picotados, “as faixas horizontais nas cores branca e vermelha são as cores da Marujada, a centenária procissão em homenagem a São Benedito” que acontece em Bragança, no estado do Pará, no mês de dezembro.

O tamanho dos bastões variava de 0,50m a 2,00m e, ao lado da instalação, havia uma placa que instigava o espectador a manipular os bastões e experimentar os diversos sons produzidos (BITAR, 2002, p. 28).

> Na Bienal Internacional, o artista ampliou seus bastões sonoros, que se tornaram um dos grandes sucessos do público que visitou a Bienal. A interação entre público e obra era completa, pois mexia com todos os

> sentidos de quem participava da instalação. (XUMUCUÍS WORD PRESS, 2013).

A instalação permitia uma interação da visão: forma, cor e organização dos objetos; da audição: ruídos relaxantes de água; e, do tato: ao tocar o franjado do papel de seda que envolviam os bastões. “A importância desse trabalho de Sarubbi foi resgatar o brinquedo „pau de chuva‟ e trazê-lo para São Paulo em 1970, quando era ainda desconhecido pelo público paulista” (XUMUCUÍS WORD PRESS, 2013).

Na Bienal Nacional de São Paulo de 1974, sua participação foi considerada *hors concours.* Em 1992, no VII Salão Brasileiro de Arte da Fundação Mokiti Okada, com 1200 artistas escritos, o juri premiou apenas três com uma viagem ao Japão, dentre eles Sarubbi. No mesmo ano, foi contemplado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), com o prêmio de Melhor Pintor do Ano.

Sarubbi conquistou, além desses, muitos outros prêmios, referências especiais de júri e menções honrosas em Salões, Mostras e Exposições pelo Brasil.

> Vinte e dois anos depois Sarubbi remontou essa instalação quando foi convidado pela Deutsche Welle (radio internacional alemã) para expô-la em Colônia na Alemanha, durante as festas de comemoração dos 40 anos de sua inauguração. (XUMUCUÍS WORD PRESS, 2013).

Na figura a seguir, podemos observar o artista sentado ao lado da instalação.

Figura 1 – Xumucuís – XI Bienal Internacional de São Paulo

Fonte: *Site* Xumucuís Wordpress



[14] Chumucuí é o nome de um igarapé de Bragança.

[15] Palmeira Tucum (*Bactrissetosa)*: palmeira de pequeno a médio porte, tronco coberto de espinhos muito finos eagudos (ÁRVORES DO BRASIL, 2017).

1ª Fase[16]: Meditação labiríntica

Figura 2 – *Mandala*– aquarela e nanquim s/ papel - 0.50m X 0.50m



Fonte: http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/01-sabi.htm

Em 1972, o artista inicia a fase das “Meditações labirínticas”. “Sarubbi iniciou-se em uma série de exercícios lúdicos, de exemplificação das infinitas possibilidades das aberturas de labirintos, criando uma série de mandalas” (BITAR, 2002, p. 34). Suas meditações labirínticas são representadas por desenhos em aquarela e nanquim sobre papel, em preto e branco, formando labirintos, fitas em formas diversas, arabescos que



lembram os desenhos da cerâmica marajoara. “A partir de um determinado momento, esses desenhos começaram a me sugerir rios vistos de cima [...]” (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 35). A Figura 2 representa bem essa fase do artista.

[16] A divisão das fases adotada neste trabalho segue o *site* oficial do artista em Art-Bonobo (2014) que asdenomina de “séries”.

Quando tomam a forma de círculo chegam a parecer o mapa aéreo de uma cidade com suas ruas e vielas ou se assemelham a mandalas, “processo de individuação”, tal foi a leitura junguiana que um psiquiatra fez de suas obras, ao observá-las em uma exposição no Rio de Janeiro (BITAR, 2002, p. 35).

Quando tomam a forma de círculo chegam a parecer o mapa aéreo de uma cidade com suas ruas e vielas ou se assemelham a mandalas, “processo de individuação, de identificação com a totalidade da personalidade com o self” (JUNG, 1998, p.114), uma mensagem enviada pelo inconsciente dizendo que o artista estaria a caminho do equilíbrio. Tal foi a leitura junguiana que um psiquiatra fez de suas obras, ao observá-las em uma exposição no Rio de Janeiro (BITAR, 2002, p. 35).

Com a série das mandalas, Sarubbi ganhou diversos prêmios importantes em salões brasileiros (BITAR, 2002, p. 34) e afirmava que: “foi a partir daquele desenho que me senti artista [...]” (BITAR, 2002, p. 34).

Com as fitas coloridas da Marujada de Bragança, Sarubbi cria um prolongamento tangível dos labirintos, que saem do desenho para o mundo real (Figura 22). “Sarubbi alcançou a conceituação das linhas tridimensionais utilizando fitas coloridas, nas quais exteriorizou lendas pessoais e memórias imemoriais” (BITAR, 2002, p. 36-37).

2ª Fase: Este rio é minha rua

Figura 3 – Este rio é minha rua – *Título 1* – óleo s/tela – 1,20m x 1,00



Fonte: http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/02-sabi.htm

A água, que sempre esteve presente na obra de Sarubbi, agora se manifesta por outro ângulo e sob um novo aspecto. Não mais os labirintos que sugeriam rios da bacia amazônica vistos de cima.

> [...] seus labirintos da fase anterior transformaram-se em uma paisagem vista a partir de detalhes símbolos da população ribeirinha amazônica, juntamente com o rio visualizado em toda a sua ancestralidade. (BITAR, 2002, p. 40).

O artista nesta fase assumiu o rio em todas as suas formas simbólicas relacionadas: paisagem, mapas, cores, cultura indígena (canoas, tangas, muiraquitãs[17]), complementando a imagem do rio em formas geométricas, "em uma espécie de mapeamento visual e sentimental da região" (BITAR, 2002, p. 40) .

> Sarubbi traçava, naquele momento, o percurso do rio Amazonas com cortes na paisagem, acrescentando barcos, remos e elementos arqueológicos como os amuletos indígenas e outros cacos de cerâmica. (BITAR, 2002, p. 40).

Nas obras da série "Esse rio é minha rua", Sarubbi manifestou um colorido que não havia na série anterior, "[...] a cor surgiu mais audaciosa e declarada, embora os coloridos fossem sóbrios e exatos" (BITAR, 2002, p.



41). Os recursos artísticos utilizados foram variados: “O requinte visual desta fase, na qual, além da tinta óleo, misturava ecoline, nanquim, guache, crayon e até lápis aquarela” (BITAR, 2002. p. 41), sempre utilizados com um tratamento excelente. Ele ultrapassou a questão da arte meramente ornamental, decorativa, via combinações de formas representativas de artefatos amazônicos em que, tanto a figura quanto as cores “possuem valor indicial e icônico, contendo, por conseguinte, a densidade semântica de uma verdadeira linguagem...” (BENEDITO NUNES apud BITAR, 2002, p. 41).

> Sarubbi extraía dos motivos ornamentais e desdobrava-os através de uma pesquisa permanente, através da busca pelo gesto experimental pertinente e repetitivo, fazendo com que, naturalmente, o decorativo resvalasse no simbólico. (BITAR, 2002, p. 41).

É uma obra em que o artista reaviva lembranças de uma cultura indígena ancestral que ele não tem a intenção de revelar, mas, que se revela assim mesmo, por fazer parte de seu interior. Bitar (2002) compara o artista com um cronista viajante do século XVIII[18]que percorreu o norte do Brasil anotando aspectos da flora, da fauna e a cultura dos habitantes da região, “a elaboração de seu inventário memorial amazônico” (BITAR, 2002, p. 40).

Sarubbi homenageou o poeta Ruy Barata[19] nesta fase, nomeando-a com o verso de um de seus poemas, posteriormente imortalizados em canção:

“Este rio é minha rua/ Minha e tua mururé/ Piso no peito da lua/ Deito no chão da maré”[20].

3ª Fase: *Antiguos dueños de las flechas*

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 62
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 62
LINGUAGEM, PERCEPÇÕES E HISTÓRIAS: CONHECIMENTOS QUE NOS ATRAVESSAM



Figura 4 – *Antiguos dueños de las flechas – Título 1* – óleo s/ tela
Fonte: Bitar (2002, p. 46)

Nesta fase, além de todos os materiais já utilizados anteriormente (óleo sobre tela, aquarela, nanquim, lápis de cor, colagem etc.), o artista passou a usar a pintura a óleo mais intensamente, realçando a cor e destacando a textura (BITAR, 2002, p. 47). Ele passa também a utilizar um recurso novo: a aerofotogrametria[21].

> Sobre aerofotogrametrias, mapeei poeticamente as aldeias desaparecidas nas beiras dos rios. Minha pintura mostrava artérias fluviais vegetalizadas, resguardadas por flechas, e artérias vegetais que se fluvializavam, encimadas por fitas de um colorido puro. (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 47).

Além das flechas, das fitas e das artérias fluviais, são utilizados outros

símbolos relacionados à água, mostrando a relação entre os povos indígenas e o rio.

Observa-se também que ele se utiliza de uma paleta que lembra o colorido das águas dos rios.

[17] Muiraquitã – amuleto de pedra verde atribuído às Icamiabas, mulheres sem marido, tidas como pertencentes a uma lenda inventada pelo espanhol Orellana, que foi o primeiro explorador a descer o caudal do Amazonas dos Andes ao Atlântico (BORDALLO DA SILVA, s/d).

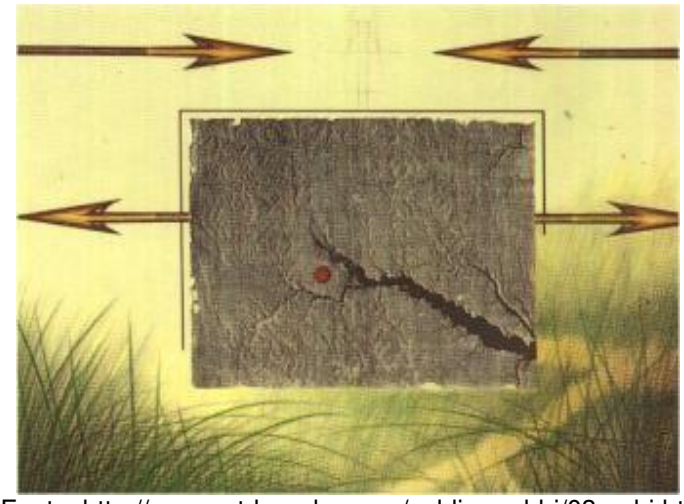
[18] Alexandre Rodrigues Ferreira (BITAR, 2002, p. 40).

[19] Ruy Paranatinga Barata (Santarém/PA, 25.06.1920 - São Paulo/SP, 23.04.1990). Advogado, cartorário, jornalista, poeta, professor, político, escritor e em parceria com seu filho Paulo André Barata compôs um vasto número de canções que se tornaram referência em todo o estado do Pará (CULTURA PARÁ, 2017).

[20] Interpretada pela cantora paraense Fafá de Belém no disco Tamba-Tajá, lançado pela gravadora Polydor em 1976 (BITAR, 2002. p. 40).

[21] Uma espécie de mapa feito a partir de um levantamento fotográfico e geodésico realizado por meio defotografia aérea ou por satélite (BITAR, 2002, p. 47).

Figura 5 – *Antiguos dueños de las flechas*– Título 2 Desenho e colagem (lápis de cor) s/ papel – 0,70m x 0,50m



Fonte: http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/03-sabi.htm

Essas aerofotogrametrias participaram da 1ª Bienal Latino-Americana de São Paulo,em 1978, com a temática "Mitos e magia e contou com a participação de 13 países. Nesses trabalhos, Sarubbi sinalizava nos mapas os locais onde antes deveriam existir aldeias indígenas com manchas vermelhas como sangue e complementava com a imagem de flechas, o que

dava uma ideia de luta e de morte desses povos, como podemos ver na Figura 14.

"Sarubbi delineou em *Antiguos dueños*, o desejo de preservação social, ambiental e humana dentro de suas conquistadas e retomadas relações poéticas-políticas coma região amazônica" (BITAR, 2002, p. 47).

Em sua obra, os objetos de outras séries ganham nova apresentação, assim como, as fitas de "Meditações labirínticas" que saíam do desenho e se materializavam no mundo real, agora se apresentam misturadas às flechas e com novas luzes. O artista, por meio do deslocamento dos objetos "conjugava figurativo e abstrato, ilustrava por si só a destruição das matas, a extinção dos índios e o desaparecimento de uma cultura" (BITAR, 2002, p. 47).

4ª Fase: Geofagia

Figura 6 – Geofagia – *Título 1* – colagem e desenho – aerofotogrametria, nanquim e lápis de cor s/ papel – 0,50m X 0,70m



Fonte: http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/04-sabi.htm

A ênfase não estava na cor, que eram principalmente os tons

Francisco Smith, Mariana Tereza Athayde Bordallo da Silva - SARUBBI: FACES E FASES DE UM ARTISTA AMAZÔNIDA. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.62, nº62, p. 1-27, e1524, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



terrosos, ferruginosos, cores desbotadas ou o preto e branco. “Geofagia” “deu início a um progressivo e incansável exercício de abstração” (BITAR, 2002, p. 52), onde as rasgadurasainda eram os rios que o acompanharam por toda sua obra.

> Formando um grande painel composto por elementos nativos, combinando pedaços de mapas com secções de troncos e matérias orgânicas, abstraindo a forma dos rios como se fossem rasgaduras, numa verdadeira arqueologia da memória, tracei, através de uma geofagia sensual, os rumos de minha obra. (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 52).

Os artefatos e imagens já utilizadas em outras fases passaram por uma transformação, como se o artista os houvesse digerido e reapresentado com nova feição. Foi um momento de introspecção, de meditações e avaliações sobre seus trabalhos, “uma espécie de autocrítica estética” (BITAR, 2002, p. 52). Na sequência das reflexões sobre o rio, Sarubbi agrupou na nova série todos os elementos já utilizados anteriormente para mostrar como se alimentava afetivamente para criar sua obra, ou seja, tirando da terra os elementos que comporiam seus trabalhos.

Nesta fase, ele abstrai formas, usa mapas e revela fragmentos de sua memória natural. “O termo geofagia quer dizer exatamente: alimentar-se da terra” (ART-BONOBO, 2014). Imagens que contavam sua história alimentavam sua afetividade e sua memória.

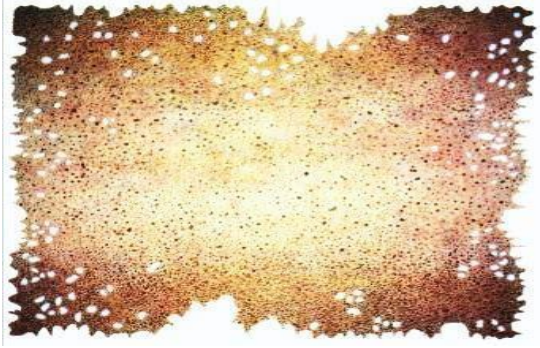
Geofagia é a representação da paisagem amazônica afetiva gravada na memória do artista “sem quaisquer resquícios de simplório paisagismo” (BITAR, 2002, p. 53), onde raízes, rios, troncos, mapas são metamorfoseados e abstraídos, deixando assim de ser uma paisagem regional para se tornar uma imagem universal. “Sarubbi universalizou a região amazônica através do desenho contemporâneo, ultrapassando a linguagem regionalista, conseguindo manter a pureza do seu caráter

primitivo" (BITAR, 2002, p. 53).

5ª Fase: Memoriae – o resgate do rio

Figura 7 – Memoriae – *Título 1* - acrílica e esmalte s/ tela – 1,50m X 1,30m

Fonte: http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/05-sabi.htm



Esta fase está dividida em três vertentes: reflexos, rasgaduras e fragmentações, e concentra-se em uma memória voltada ao interior do artista, relacionada ao processo de amadurecimento pessoal e estético.

> Minhas obras recentes são pinturas e desenhos que deixam entrever uma outra visão do rio. Não mais o rio e seus elementos concretos e figurativos, mas uma visão abstrata do rio. Me importa agora outro tipo de memória, que se refere à poética dos elementos mutantes e cambiantes da água do rio, transformados em luz. Tento chegar à essência da pintura através da cor .(SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 59).

Assim, dando continuidade ao tema central de sua obra, Sarubbi apresenta o rio, ou, as águas do rio, vistas sob uma nova perspectiva. Não mais os intrincados caminhos das bacias fluviais amazônicas vistas de cima, nem suas paisagens recortadas e elementos associados ao rio e à água das séries anteriores. "Sarubbi buscou a luz em sua essência mais pura" (BITAR, 2002, p. 60). É o rio visto de perto, muito perto, de dentro mesmo, no reflexo da água, no fundo do rio, na areia etc.

> [...] leituras metafóricas para outras realidades do rio; talvez o fundo, se visível; talvez a água ao microscópio pululante de vida. Outra talvez a própria superfície, observada de certa distância, pontuada por fragmentos da selva; insetos pequeninissimos, animais, folhas secas [...]". (Olívio Tavares de Araújo apud BITAR, 2002, p. 61).

Com esta série, o artista recebeu o prêmio de melhor pintor do ano (1992) pela APCA. Foi também premiado no VII Salão Brasileiro de Arte (Fundação Mokiti Okada/São Paulo) com o prêmio "Viagem ao Japão" (BITAR, 2002, p. 60).

6ª Fase: Memórias de Alexandria

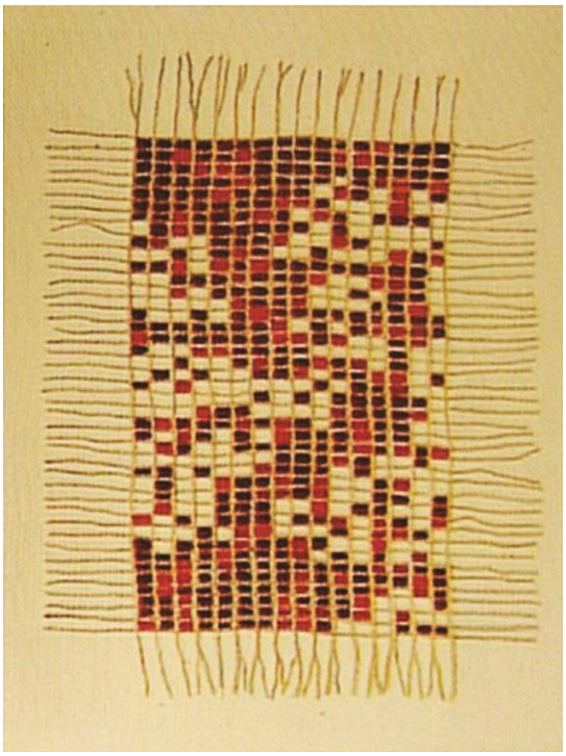


Figura 8 – *Tapete inacabado* – relevo e lápis de cor – 0,70m X 0,50m

Fonte: http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/06-sabi.htm

Em “Memórias de Alexandria”, Sarubbi uniu a literatura, uma antiga paixão, ao seu trabalho como artista plástico. O artista faz uma releitura inspirada na obra “Quarteto de Alexandria” (Justine, Balthazar, Mountolive e Cléa) do escritor Lawrence Durrell. Entretanto, ele não se ocupou da ilustração de cenas e personagens, mas “privilegiou as sutilezas de execução e a recriação de climas” (BITAR, 2002, p. 56).

> Essa interação entre elementos de natureza diversa cria texturas ricas e ambíguas, que podem remeter o espectador à obra literária sem fazer nenhuma literatura, já que o trabalho possui um valor pessoal e intransferível, sem depender de apoios de interpretação. (BITAR, 2002, p. 56).

Com esta série ele recebeu o prêmio APCA de melhor pesquisa do ano de 1988 e na *International Art Competition* de Nova York (ART-BONOBO, 2014), foi premiado com o *Certificate of excelence for outstanding achievement in works on paper*.

O amadurecimento artístico e estético de Sarubbi o levaram a empenhar-se na descoberta de novos caminhos na última fase de seu trabalho. De fato, novos rumos, mas as memórias ainda são as mesmas que tecem sua arte.

- **7ª Fase: Outras memórias**

Figura 9 – Outras Memórias – *Título 1* – óleo s/ tela – 0,90m X 0,70m



Fonte: http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/07-sabi.htm

Francisco Smith, Mariana Tereza Athayde Bordallo da Silva - SARUBBI: FACES E FASES DE UM ARTISTA AMAZÔNIDA. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.62, nº62, p. 1-27, e1524, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Pinturas, aquarelas e desenhos, abstrações coloridas lembram outros momentos de sua obra. “A mudança do trabalho de Sarubbi ocorreu em dois níveis: formal e conceitualmente. Expressando-se mais abstratamente, o artista sente que se aprofundou mais dentro de si mesmo” (ART-BONOBO, 2014). Ele não sente mais a necessidade de fazer séries temáticas, deixa que a obra surja naturalmente, como resultado de sua vida interior, seus sentimentos, lembranças, questionamentos, sem buscar respostas e “sem se preocupar com modismos, interesses de crítica e de mercado” (ART-BONOBO, 2014).

> Em outras memórias, Sarubbi continuou como simples espectador, verificando os resultados impregnados de lembranças, ao mesmo tempo que retirava elementos do real para a criação de um mundo surreal. (BITAR, 2002, p. 65).

“Sarubbi falou das Outras Memórias, porém eram as sempre memórias” (BITAR, 2002, p. 65). Eram as mesmas memórias que acompanharam o artista por toda sua obra. A paisagem amazônica, revelada em cores fortes mais precisas que nas fases anteriores, “detalhes invisíveis do vento no vai e vem das águas, das corredeiras foram mostrados em plenitude” (BITAR, 2002, p. 65) utilizando várias técnicas.

O artista identificou esta série como sendo “Outras memórias”, mas, subtendidas, eram as mesmas memórias que acompanharam o artista por toda sua obra, a paisagem amazônica, reveladas em cores fortes mais definidas que nas séries anteriores, em aquarelas, a pintura a óleo, a tinta acrílica, o nanquim, o lápis de cor e a colagem (BITAR, 2002, p. 65).

A carreira internacional de Sarubbi iniciou com a *Expo 73* -



Exposição Imagem do Brasil organizada pelo MAM/SP, em Bruxelas na Bélgica. Em 1975, o artista participou do *14º Prêmio Internacional de Desenho Joan Miró* na *Fundació Joan Miró* em Barcelona, Espanha. A partir de então, compareceu ao evento todos os anos, até 1984. Durante as décadas de setenta e oitenta, esteve no Uruguai, Chile, Romênia, Porto Rico, Colômbia, Japão, México, Cuba e Portugal.

Em 1990, realizou um painel de grandes dimensões denominado "Meditações labirínticas" para a estação Barra Funda do metrô em São Paulo, uma das mais importantes da cidade. O painel é uma volta à sua primeira fase, labirintos que lembram os desenhos marajoaras que tanto podem ser vistos como um mapa de muitos rios quantoas ruas de uma cidade.

Em 1992, na Alemanha o artista participou da Exposição *Kunst und Identität- Artistas Brasileiros na Alemanha* (Bonn, Nuremberg, Hamburgo, Stutgart e Köln). No ano seguinte, com a Exposição *Wasser: Alles im Fluss* (Arnstädt, Munique, Nuremberg, Potsdam, Rheine, Rügheim, Berlim). Em Köln ele expôs no Salão da *Deutsche Welle* – emissora Internacional de Rádio da Alemanha com a Instalação "Xumucuís" (1993) e voltou a Köln com a coleção *Memoriae* na *BiPi'S Kulturgalerie* (1995). Ainda na década de 1990, participou da exposição *Kunst und Identität* em Strasbourg na França e nos EUA participou da Exposição *Art in Paradise* na *The Anglo-American School of Florida*.

Em março de 2000, ganhou a bolsa de apoio financeiro da *Pollock-Krasner Foundation*, importante instituição de Nova York criada pelo artista Jackson Pollock: *because of the exceptional quality of your work that was viewed and selected by a distinguished committee of art*

professional and the extent of your artist achievement..., dizia o parecer (BITAR, 2002, p. 25). Marina Marcondes, contou que o Atelier em que ele trabalhava foi muito elogiado ao ser visitado pela comissão da *Pollock-Krasner Foundation*: "organizado e vivo, simples e essencial*".*

Figura 10 – Meditações labirínticas - Painel da estação Barra Funda do metrô de São Paulo



Fonte: Arquivo eletrônico da família Bordallo

[18] Marina Marcondes, esposa de Sarubbi.

> Algo que foi identificado pelo crítico Olívio Tavares de Araújo como "música de câmara" – música com poucos músicos, poucos instrumentos, mas que exige dos artistas primor e rigor técnico. E também precisa, necessita, pede, um público seleto para absorver, para usufruir, para compreender a obra com profundidade[18].



Esse prêmio é destinado a artistas com longa trajetória e tem como objetivo garantir o bem-estar financeiro, a fim de que o artista possa expandir sua obra. Sarubbi aproveitou o prêmio para tratar de sua saúde antes de seguir para os Estados Unidos.

> Sua morte precoce (ele não concordaria com esta expressão, consideraria uma contradição em termos) inaugurou uma ausência fundamental na vida dos seus entes mais próximos e mais queridos – e também na história da arte no Brasil (GALERIA PONTES, 2014).

A troca da prótese cardíaca apressou sua morte e ele não teve a oportunidade de usufruir o prêmio recebido, além de ter deixado muitos trabalhos inéditos. Na presente década, foram realizadas duas exposições póstumas em homenagem a Sarubbi, em São Paulo. A primeira, em três de novembro de 2011, abrigou "três séries produzidas por ele nos anos de 1980, trazendo obras do artista inspiradas em suas vivências e ambientes, como flores, folhas, texturas e madeiras da região que o inspiravam na criação". O acervo ficou exposto até 18 de dezembro no SESC Pinheiros com entrada gratuita (SARAIVA, 2014).

A segunda exposição póstuma *Desenhos, pinturas e relevos*, que contou com a curadoria de Alex Cerveny, aconteceu na Galeria Pontes, no período de 30 de novembro de 2010 a 15 de janeiro de 2011. O evento fez parte de um "ciclo de palestras e debates sobre a Identidade Cultural Brasileira". No dia da abertura da exposição houve uma mesa-redonda com Sheila Mann e Renato Rezende, e a palestra *O legado artístico de Valdir Sarubbi* (GALERIA PONTES, 2014).

Sarubbi viveu intensamente a sua bragantinidade, como se usa dizer em Bragança: no dia a dia da cidade, nos medos e nas histórias de visagem, na associação que ele ajudou a fundar, nas guerras de pitomba depois do leilão e



nas festas de São Benedito, etc. Tudo o que ele viveu em Bragança formou a base afetiva e cultural primeira em sua memória artesã. Mas, a necessidade de se expressar por meio da arte o fez alçar voos para longe de suas origens. Ele foi morar em São Paulo e viajou até outros estados, outros países e se tornou também um cidadão do mundo.

Dessa forma, ele traduziu suas reminiscências em arte com uma linguagem plenamente compreensível em Belém, em São Paulo, na Alemanha ou no Japão. Preso a essas memórias afetivas dos primeiros anos de vida e à bagagem cultural amazônica, transformou sua arte em obras de infinita elegância e beleza, "fruto de um conhecimento estético sem acasos, sedimentado na pesquisa, no talento, na disciplina e na paixão pela vida da „umidade" amazônica" (BITAR, 2002, p. 15). As memórias de Sarubbi tecem para o mundo, uma arte amazônica e para a Amazônia, uma arte íntima bragantina.

Referências:

ACHARD, Pierre. **O papel da memória**. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

BITAR, Rosana. **Sarubbi**. Belém, 2002.

BORDALLO DA SILVA, Armando. **Folclore Brasileiro na Amazônia**– s/d – inédito(Acervo da Família Bordallo da Silva).

BORDALLO DA SILVA. **Contribuições ao estudo do folclore amazônico na Zona Bragantina**. 2. ed.Belém: Falangola, 1981.

BORDALLO DA SILVA. **O Décimo Sexto Polo de Desenvolvimento da Amazônia** (impresso). Belém:Associação Comercial de Bragança, 1975.

BORDALLO DA SILVA. **Aspectos antropossociais da alimentação na Amazônia**. Belém: Instituto deAntropologia e Etnologia do Para/MPEG, 1949.

GALERIA PONTES. **A força de uma ausência**. Por Renato Rezende. Disponível em: <http://www.galeriapontes.com.br/valdir_sarubbi.html> Acesso em: 16 abr. 2014.

GROF, Stanislav**. Além do cérebro. Nascimento, morte e transcendência em psicoterapia.**São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

REVISTA O CAIXOTE/Contos*. I'm in themood for love.* Maria Lúcia Medeiros. Disponível em: <http://www.ocaixote.com.br/caixote18/18cx_contos_mlmedeiros.html> Acesso em: 16 dez. 2012.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté**. Belém: Cejup, 2000.

SMITH JR., Francisco Pereira. **A imigração espanhola na Amazônia**: as colônias agrícolase o desenvolvimento socioeconômico no Nordeste Paraense (1890-1920). 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SARAIVA/CONTEÚDO/Notícias. **Artista Plástico Valdir Sarubbi ganha exposição em São Paulo**. Por Andrea Silva. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/ Noticias/Post/42046> Acesso em: 17 abr. 2014.

SILVA, Bolívar Bordallo da . **Cronologia Bragantina** – um capítulo na história da Amazônia, 1954 – inédito (Coleção Bordallo da Silva)

SITES

GALERIA PONTES.A força de uma ausência. Por Renato Rezende. Disponível em:<http://www.galeriapontes.com.br/valdir_sarubbi.html>Acesso em:16abr.2014.

JORNAL LIBERAL. Belém, 08.08.2005. Dom Quixote veio de trem. Maria Lúcia Medeiros. Disponível

em:<http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=95965&|texto+don+quixote+veio+de+trem#.Uwdwx_ldVu5> Acessoem:29set.2014.

MONIKA VON KOSS –psicoterapeuta de abordagem energética transpessoal. Desenvolver uma Consciência Holográfica. Disponível em:<http://www.monikavonkoss.com.br/expansao-consciente/desenvolver-uma-consci%C3%AAncia-hologr%C3%A1fica>Acessoem:18abr. 2014.

REVISTA O CAIXOTE/Contos. I'm in themood for love. Maria Lúcia Medeiros. Disponível em: <http://www.ocaixote.com.br/caixote18/18cx_contos_mlmedeiros.html> Acesso em: 16 dez. 2012.

SARAIVA. Conteúdo/Notícias. Artista Plástico Valdir Sarubbi ganha exposição em São Paulo.Por Andrea Silva. Disponível em:<http://www.saraivaconteudo.com.br/Noticias/Post/42046>Acessoem:17abr. 2014.

UNIVATES. Revista Cinelândia. Disponível em:<https://www.univates.br/biblioteca/museu-regional-do-livro/cinelandiaRevista%20a%20Cinel%C3%A2ndia>Acesso em: 09 out. 2015.

XUMUCUÍS WORDPRESS. Xumucuís de Valdir Sarubi. Por Ramiro Quaresma.Disponívelem:<http://xumucuis.wordpress.com/2012/01/15/xumucuis-de-valdir-sarubbi>Acesso em:15dez.2013.

Francisco Smith
Professor da Universidade Federal do Pará desde 2005. Doutor em Ciências pelo PPGDSTU, Mestre em Letras pelo PPGL/UFPA, Especialista em História do Brasil pela PUC/MG, Especialista em Língua Portuguesa pela UFPA. Graduado em Letras pela UFPA.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6336-9249
E-mail: fransmithj@gmail.com

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 62
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

REVISTA 62
LINGUAGEM, PERCEPÇÕES E HISTÓRIAS: CONHECIMENTOS QUE NOS ATRAVESSAM



Mariana Tereza Athayde Bordallo da Silva
Graduação: Letras e Artes -Licenciatura em Inglês pela UFPA, especialização: Informática Educativa (UFRGS/ PROINFO/UFPA/SEDUC); e Sociologia e Educação Ambiental (UEPA). Professora ad-4 da SEDUC/PA, atualmente, URE 01 Bragança/PA. Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2557-7220
E-mail: bordallo@globo.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 02 de maio de 2024
Aceito em 06 de julho de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/